

GT: 03 - Construção de saberes docentes

ETNOGRAFIA COMO CIÊNCIA DA DESCRIÇÃO CRÍTICO-COLABORATIVA EM EDUCAÇÃO

Raimundo Nonato Moura Oliveira¹
Maria da Glória Barbosa Soares Lima²

RESUMO: Neste trabalho, apresentamos em linhas gerais o caminho teórico-metodológico de uma pesquisa empírica, na vertente da etnográfica crítica em desenvolvimento pela Universidade Estadual do Maranhão/CESC em parceria com o Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEd/UFPI. A investigação tem como objeto de estudo a gênese do abandono escolar pelos jovens e adultos na trama das relações do trabalho pedagógico escolar. Como abordagem de pesquisa discutimos os pressupostos da etnografia em perspectiva crítica, segundo Thomas (1993), Laplantine (2004), Erickson (1996); Hammersley e Atkinson (1994); Geertz (1989), Bortoni-Ricardo (2005), associado às discussões de Desgagné (1998), Contreras (2002), Gadamer (1997), Kemmis (1985), dentre outros. Assim, a partir de nossa inserção no espaço definido como campo de pesquisa: comunidade bairro campo de Belém no município da cidade de Caxias-Maranhão, optamos por trabalhar com 30 (trinta) ex-alunos de EJA, na condição de sujeitos-colaboradores do referido estudo. Os dados estão sendo recolhidos por meio de entrevista dialógica e consulta documental. Como forma de referendar os achados da pesquisa, o tratamento dos dados será empreendido a partir de descrição em profundidade e análise crítico-interpretativa. Com esta comunicação do caminho metodológico de pesquisa etnográfica em perspectiva crítica em construção, postulamos que estas informações possam contribuir para estudos em educação que tenham como objeto de investigação o cotidiano escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Etnografia crítica. Colaboração. EJA.

INTRODUÇÃO

Processos de pesquisa em educação que têm adotado o princípio da colaboração para a produção do conhecimento, como forma de aproximação entre a comunidade científica e a comunidade prática, ou seja, entre pesquisador e sujeitos-interlocutores da investigação, têm buscado fundamentar-se cada vez mais sob as bases da teoria crítica, como maneira de contribuir na perspectiva de fortalecimento e conscientização desses sujeitos (DESGAGNÉ, 1998). Nessa esteira, é visível um emergente discussão em torno da pesquisa etnográfica numa dimensão crítica, colaborando com os sujeitos em suas práticas, objetivando possíveis mudanças tanto no

¹ Professor da Universidade Estadual do Maranhão. Coordenador e Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Formação de Professores e Prática Pedagógica.

² Prof.ª. Dra. do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Educação da UFPI. Colaboradora na Pesquisa.

decorrer como posterior ao estudo em pauta. Essa idéia de colaboração visa a incentivar e apoiar transformações das práticas culturais dos sujeitos, de modo especial, nas práticas escolares na modalidade EJA, por meio da análise crítica-descritiva-interpretativa tendo em vista um fato ético-político inscrito no entorno da complexidade da problemática da Educação Básica no Brasil, em vista das dificuldades de seu desenvolvimento revelado pelo Sistema Nacional de Avaliação (SAEB, 2007).

Em termos de Educação de Jovens e Adultos, modalidade de ensino que compõe a Educação Básica, apesar dos empreendimentos na produção de conhecimento na área nos últimos anos, convivemos, ainda, com uma complexa realidade marcada por muitas limitações político-pedagógicas, marcadas, especialmente pelo fenômeno da deserção escolar nessa modalidade de ensino. Vivenciamos o agravamento da distancia pedagógica entre a proposta da Escola e as necessidades de aprendizagem dos Jovens e Adultos, construído dentro da lógica de paradigmas de relações de poder e práticas tradicionais de ensino. Corroborando essa situação, acrescentamos que são 14,7 milhões o número de pessoas analfabetas no Brasil entre as idades de 15 a 50 anos ou mais (IBGE -PNAD's, 2008). É bem verdade que no período de 2002 a 2006, essa taxa de 14,7% caiu para 10%. Não obstante essa queda, os números ainda continuam altos, principalmente se levarmos em conta que a previsão do IBGE de redução do analfabetismo é em 0,06% até 2010 e de 0,09% até 2020.

Outro aspecto que articulamos a esses dados, é o conceito de analfabetismo funcional mencionado pela Unesco, que se aplica a uma pessoa que apenas sabe ler e escrever frases simples, mas não possui as habilidades necessárias para satisfazer as demandas do seu dia-a-dia e sem desenvolvimento pessoal e profissional. Outro ponto que merece realce é o aspecto relativo à avaliação do Quinto Indicador de Alfabetismo Funcional, divulgado em setembro de 2005, registrando que só 26% da população brasileira, na faixa de 15 a 64 anos de idade, encontram-se plenamente alfabetizadas. Essas relações de exclusão político-educacional escolar, produzidas continuamente, tanto na instituição escola quanto na base das desigualdades socioeconômicas do mundo capitalista moderno coexistem e contribuem para o não desenvolvimento humano.

A verdade que emerge, nesse caso, é que em qualquer ambiente escolar que ofereça Educação de Jovens e Adultos é possível verificar problemas de natureza diversos. Dentre eles, destacamos a questão do abandono escolar, fenômeno notadamente no cenário educacional e, no caso de EJA, atitude que parece resultar dos processos consecutivos de reprovação, baixo índice de aprendizagem; insatisfação dos

alunos em relação ao trabalho pedagógico oferecido pela escola, dificuldades de aprendizagem, associados a outros fatores sociais e econômicos. Observamos também, as dificuldades e lamentos dos professores para ensinar um público diversificado (jovens, adultos e idosos), com histórias de vida escolar, em geral com histórias de repetidos fracassos. Verificamos, ainda, docentes que almejam construir uma prática pedagógica competente, seja em favor de aprendizagem de seus alunos, seja pelo aprimoramento em todos os aspectos, de modo particular para fazer uma gestão do conhecimento e das relações inter-pessoais em sala de aula, em vista de um ensino de qualidade que responda às necessidades de aprendizagem dos alunos frente às demandas da sociedade contemporânea.

Dentro desta complexa realidade de relações, e, de modo particular, diante o abandono escolar pelos jovens e adultos, comporta indagar: como (re) ler essa realidade com um olhar etnográfico em perspectiva crítica, a partir destas inquietações, das questões e dos anseios que o quadro situacional da EJA nos coloca. É preciso questionar, se e como a Etnografia fundamentada na teoria crítica pode contribuir para a construção de conhecimentos e saberes pedagogicamente significativos rumo a uma pedagogia voltada para fortalecer a Educação de Jovens e Adultos.

Assim, nosso propósito, neste artigo, é tecer alguns fios para a confecção de uma reflexão etnográfica como método teórico-prático de pesquisa, na perspectiva da produção do conhecimento neste entorno, com emprego/suporte da análise crítica descritiva-interpretativa, compatível, desse modo, com a vertente crítica da pesquisa etnográfica **sobre, com e para** a realidade da EJA em suas diferentes formas e movimentos na cultura escolar, no intuito de compreender a gênese do abandono escolar por estes sujeitos na trama do trabalho pedagógico, objeto de estudo em apreço.

PRODUZINDO UMA HERMENÊUTICA ETNOGRÁFICA CRÍTICA

Que motivações impulsionam os jovens e adultos a, prematuramente, abandonarem a escola? A desistirem do curso que, em geral, vêm fazendo “driblando” os mais diversos tipos de dificuldades? Qual é, de fato, a gênese desse abandono, ela se prende, efetivamente, a que fatores? Estas, na verdade, são as indagações que direcionam o desenvolvimento deste estudo. Portanto, nosso propósito é investigar a gênese do abandono escolar pelos jovens e adultos, no âmbito da cultura escolar através

da etnografia, baseada na teoria crítica, processo que implica a produção de uma reflexão tanto do fenômeno quanto da abordagem de pesquisa, o que exige fazer, inicialmente um “caminho mental”, de modo que situe o sujeito dentro da complexidade maior do conhecimento.

Desse modo, reportamo-nos aqui a visão de realidade refletida por Capra (2000) que a define como uma consciência do estado de inter-relação e interdependência essencial dos fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, que transcende as atuais fronteiras disciplinares e conceituais do conhecimento. Com essa compreensão se quer expressar a importância de pensar a vida como um todo, como um conjunto de relações, como um amplo ecossistema, em constante e incessante inter-relação entre todas as partes, incluindo aí a vivência da cultura escolar como um sistema de energias, trocas e práticas simbólicas, o que exige a compreensão dessa realidade em redes, isto é, em teias e conexões.

É necessário, pois, observar a realidade sócio-cultural escolar dos Jovens e Adultos como partes integrantes e sujeitos reflexivos de um todo maior, de uma comunidade, de uma sociedade, em suas redes e múltiplas inter-relações. Assim, compreender essa realidade, por meio da pesquisa, à luz desse pensamento ecológico ou holístico, é adentrar a um novo paradigma, que sinaliza um conjunto articulado de conhecimentos, valores, visões e utopias que redefinem o sentido de mundo, de ser humano, de sociedade, dos processos produtivos, das instituições (inclusive das escolares) e da cultura.

Com efeito, esse novo paradigma projeta uma imagem de realidade que desafia a pesquisa em educação a pensar todas essas realidades, superando a fragmentação do conhecimento e, de modo fundamental, compreendendo o ser humano em sua totalidade, considerando o homem como sujeito de relações socioculturais, ético e sensível e, imbuído, portanto, de uma dimensão ético-política.

Dentro dessa visão, passamos a entender a etnografia como um paradigma de construção do processo de pesquisa em educação. Paradigma, porque ela representa um conjunto articulado de conhecimentos, saberes, métodos e princípios que se apresenta como possibilidade de elaboração do conhecimento capaz de captar, pelo seu processo descritivo-interpretativo, o modelo de pensamento, de ação e organização de vida dos sujeitos pesquisados (LAPLANTINE, 2004), considerando, pois, suas redes de relações e sistemas de práticas simbólicas, segundo seus próprios pontos de vista.

Assim, associada à teoria crítica, a etnografia tem como seu ponto de partida e de chegada o compromisso com a transformação social da realidade, pela conscientização do homem, notadamente pela sua capacidade de reflexão e ação, que o leva a buscar, a mover-se para além dos acontecimentos dos participantes em grupos particulares para examinar premissas ideológicas e práticas hegemônicas que modelam e constroem esses acontecimentos, esforçando-se, porém, para usar o saber produzido em função da transformação sociocultural da comunidade em geral.

FAZER ETNOGRAFIA EM PERSPECTIVA CRÍTICA

A descrição etnográfica perspectiva crítica dos fenômenos sociais, precisa respirar e transpirar o ar holístico e crítico. No dizer de Laplantine (2004, p 31) “a escrita descritiva esforça-se por dar conta da totalidade daquilo que vemos”. Dessa forma, a etnografia como um método ou conjunto de métodos de descrição cultural (GEERTZ, 1989; HAMERSLEY; AKTISON, 1994) compreende uma atividade lingüística (de escrita das culturas), ação de transformar o olhar em linguagem, ou seja, de fazer ver a realidade com as palavras, articular as relações entre visível e dizível, consistindo, portanto, numa “[...] realidade social apreendida a partir do olhar, uma realidade social que se tornou linguagem e que se inscreve numa rede de intertextualidade” (LAPLANTINE, 2004, p. 31).

A etnografia crítica, diferente da etnografia convencional que “descreve o que é”, ela “pergunta o que poderia ser” (THOMAS, 1993), o fenômeno cultural, procurando encontrar formas de romper com o processo de domesticação por meio da exposição descritivo-interpretativa e do questionamento dos mecanismos de controle e de poder que estabelecem o senso comum e a hegemonia. A domesticação sendo ideológica envolve um conjunto de crenças e atitudes sobre o mundo. Seus problemas sociais são compartilhados pelos membros de determinada comunidade, implicando, às vezes, a isenção de responsabilidades de certos grupos que consideram problemas sociais como problemas dos outros.

Para Thomas (1993), a consciência crítica dessa domesticação é objeto de interesse da etnografia crítica que estuda tal processo como modelador de toda a vida sociocultural e das relações humanas, objetivando mudá-las, quando almejadas pelo

grupo, utilizando a posição política e social dos pesquisadores etnógrafos como maneira de desenvolver uma consciência crítica e uma emancipação social.

Assim, dar conta lingüisticamente, culturalmente e historicamente da compreensão de fenômenos socioculturais numa descrição etnográfica em perspectiva crítica requer dos pesquisadores o desenvolvimento de habilidades e de saberes científicos que possam iluminar esse trabalho que, fundamentalmente, se constitui numa forma sistemática de registro do modo de vida de outro sujeito, conforme seu ponto de vista de mundo e o modo de pensar sua cultura. Ou seja, é um trabalho de cunho descritivo-interpretativo, sem o qual o visível (os dados recolhidos) permanece confuso e desordenado, segundo a compreensão (HAMERSLEY; AKTISON, 1994).

Logo, a escrita, dentre às várias atividades que compõem o empreendimento da pesquisa etnográfica, configura-se numa competência que envolve um conjunto de habilidades para transformar as experiências socioculturais (objeto de pesquisa) em uma elaboração lingüística, ou melhor, num registro rico em conteúdo, depurado, conciso, de acabamento refinado e ordenado, constituindo-se em um texto simples e nítido que permite ver suas idéias e a nudez de suas fontes, na totalidade daquilo que vemos. Por isso, a escrita é “uma atividade que se reforma e se reformula permanentemente através do contato com determinada cultura” (LAPLANTINE, 2004, p.32).

Trata-se, portanto, de uma descrição dialógica que permite aos sujeitos (re) ler suas trajetórias de vidas, de forma que estas possam colaborar nas transformações de suas práticas. A essa construção do processo de produção de conhecimento relacionam-se três tendências que dizem respeito à reflexividade ou reflexão crítica, à colaboração e à democratização do processo de pesquisa como discutidas no próximo item.

Reflexividade nos processos de apreensão da realidade

A reflexividade como capacidade crítica sobre o processo de pesquisa (HAMMERSLEY; ATKINSOM, 1995; THOMAS, 1993; CONTRERAS, 2002) é uma competência científica que se define diante dos problemas demonstrando uma postura analítica que exige do pesquisador/etnógrafo colocar-se no contexto da ação, na história da situação, participar da atividade social, desvelando as condições sociais e históricas nas quais se formaram (e sustentam) os modos de entendimento e valorização das práticas de ensino, problematizando assim o caráter político dessas práticas (KEMMIS apud CONTRERAS, 2002).

A pretensão de avançar para além das condições que marcam a cultura escolar, as formas de ensino em suas estruturas institucionais e organizacionais, desvelando a sua origem e atuação sócio-histórica e os interesses ideológicos a que servem, mostra que o movimento da reflexão crítica é a emancipação. Nesse caso, uma etnografia crítica supõe, por um lado, aquilo que Bortoni-Ricardo (2005, p. 237) chama de “desvelamento do que está dentro da ‘caixa preta’ na rotina dos ambientes escolares, identificando processos que, por serem rotineiros, tornam-se ‘invisíveis’ para os atores que deles participam”.

Desse modo, a libertação dos sujeitos vai ocorrendo à medida que, ao perguntar como a realidade deveria ser procurando desvelar possibilidades de transformação, emancipa os sujeitos de suas visões acríticas, de hábitos rotineiros não questionados, das formas de dominação que os impedem de perceber os padrões estruturais sobre os quais suas rotinas e práticas se assentam e, ao mesmo tempo, a sua manutenção pelos próprios sujeitos, dada às dificuldades de identificar os significados e distorções ideológicas dessas rotinas e a forma como se ligam a uma matriz social mais ampla, que as condicionam e, também, podem ser por elas condicionadas (THOMAS, 1993).

Nesse sentido, a etnografia crítica é um processo que busca o rompimento da domesticação dos sujeitos por meio da descrição interpretativa de suas práticas e do questionamento dos mecanismos de controle e de poder presentes nelas, o que os torna sujeitos indiferentes a elas. Com efeito, a produção desse conhecimento, permitiria aos sujeitos pesquisados, no caso os professores, avançarem na transformação de ações docentes dentro de um movimento dinâmico de definição e constituição pessoal e profissional e, conseqüentemente, da cultura escolar, pela tomada de consciência dos valores e significados ideológicos implícitos nas atuações de ensino e nas instituições que sustentam.

O processo colaborativo de pesquisa

Reiteramos, portanto, que o objeto de interesse da etnografia crítica é a consciência crítica dos sujeitos. Nesse caso, realizar um processo de pesquisa para a produção do conhecimento na direção de emancipação e de fortalecimento dos sujeitos seja na sua situação de domesticação nas estruturas socioculturais aos quais participam, seja na condição de alheamento de sua ação implica vivenciar colaborativa e democraticamente o processo de pesquisa.

A tendência colaborativa, do ponto de vista da pesquisa, significa um processo dialógico entre pesquisador e pesquisados na construção do conhecimento na condição de “co-produtores”. No plano epistemológico, a construção do conhecimento, na pesquisa colaborativa, leva em conta a consideração, tanto do contexto real da prática quanto da compreensão atuante que tem, no caso, os sujeitos das situações práticas no interior das quais ele evolui (DESGAGNÈ, 1998). Trata-se, pois, de compreender “com” eles, os sujeitos-interlocutores da pesquisa, e do interior do contexto no qual atuam, o que apóia o seu agir.

Nesse contexto, a proposta de pesquisa etnográfica crítico-colaborativa compreende atividades de produção do conhecimento e de desenvolvimento profissional na medida em que são criadas as condições de reconciliação reflexiva de dois processos interligados simultaneamente: pesquisa sobre a prática e a formação contínua. Na pesquisa, solicita-se a colaboração dos sujeitos pesquisados para investigar um objeto em pauta. Na formação, propõe-se a eles um aspecto de sua prática no que concerne ao desenvolvimento profissional ou aperfeiçoamento (DESGAGNÈ, 1998).

Unir estas duas dimensões, a de pesquisa e de formação em processo colaborativo (sujeitos e pesquisador) revela outra tendência da etnografia crítica, a democratização do processo de pesquisa. Por sua natureza descritiva-interpretativa da realidade, a pesquisa etnográfica visa ao entendimento do significado das ações sociais. E, por natureza, é intrinsecamente democrática, pois exige, como já dito, um envolvimento do pesquisador com o local da pesquisa e uma interação com os sujeitos participantes do estudo, requerendo uma negociação e percepções políticas do pesquisador, para se encaminhar à questão de quem ‘tem poder’ e quem precisa de ‘fortalecimento’ (ERICKSON, 1986).

Da mesma forma que na etnografia convencional, a etnografia associada à visão crítica da conscientização (na perspectiva do desenvolvimento profissional docente) compartilha de processos interativos e emprega um conjunto de métodos diversos (observação participante, entrevistas, consulta documental, análise e produção de dados e escritura da etnografia), porém, nessa segunda perspectiva, há o reconhecimento adicional da necessidade do diálogo como princípio almejado tornar visível para o outro o entendimento dos significados de suas ações.

O processo interativo entre pesquisador e pesquisado em vista do entendimento do significado da ação, numa perspectiva dialógica, significa uma espécie de negociação do significado, algo consentido e/ou permitido, que, como tal, está imerso

no comprometimento e na responsabilidade com a transformação da realidade cotidiana da sala de aula (MATTOS, 1995). Com efeito, o diálogo como um jogo lingüístico, supõe as regras do acordo e parceria, por exemplo. “O acordo no dialogo não é somente uma mera representação e um impor do próprio ponto de vista, mas uma transformação rumo ao comum, a partir de onde já não se continua sendo o que se era” (GADAMER, 1997, p. 556).

A parceria implica a atitude do parceiro, “aquele que ouve o outro, aquele que se compadece com o que o outro diz, aquele que não trava o diálogo, aquele que não pretende possuir a última palavra, “aquele que é capaz de conceder razão ao outro” [...]. “Os parceiros entram no jogo, no espírito do diálogo, independentemente do tema sobre o qual dialogam e, ao final, ambos - de alguma forma, são afetados e transformados”. (ROHDEN, 2002, p. 220).

Para demandar e conduzir o processo de produção de dados, empregamos a entrevista dialógica e a consulta documental para a compreensão dos significados das ações dos sujeitos num processo que, o entendimento real do outro, significa deixar valer os seus pontos de vista, não na aquisição pura, simples de mais informações, mas a tomada de consciência da forma de pensar, de ver, de ouvir o real. Ou seja, na etnografia crítica o dialogo “constitui-se pela exigência de que os parceiros descubram-se em seus pré-juízos, em suas decisões mais internas. Sem a predisposição, sem abertura, um diálogo [...] não poderá se efetivar (ROHDEN, 2005, p. 203).

Nesse caso, a entrevista como método fundamental figura no aprofundamento da compreensão do objeto perspectivado, numa postura dialógica. Constitui-se no entrelaçamento entre perguntas e respostas, o dito e o não-dito. Nesse caso, a entrevista dialógica perde sua vitalidade no momento em que alguém não acompanha as palavras do outro. “As perguntas dialógicas chamam e exigem respostas e respostas dialógicas exigem novas perguntas” (ROHDEN, 2005, p. 200), a fim de desvelar o fenômeno em estudo. A esse respeito comporta citar Szymanki (2004, p. 14) ao afirmar que essa prática “tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos pesquisadores e pesquisados”.

Considerando estes aspectos, optamos por realizar entrevistas individuais com roteiros semi-estruturados e coletivos. Essas entrevistas estão sendo realizadas com os sujeitos jovens e adultos que abandonaram a escolar a fim de compreendê-los na sua

história e vida cotidiana, bem como o contexto da escola nas suas relações com e os professores, especificamente, em torno da prática pedagógica.

A consulta documental como técnica de abordagem de dados qualitativos constitui-se numa fonte estável e rica de dados na qual pode ser extraído evidências que pode fundamentar afirmações e declarações tanto dos pesquisados quanto do pesquisador assim como desvelar aspectos novos em relação ao objeto em estudo (LÜDKE; ANDRÉ, 2003). Nesse sentido, documentos escolares (cadernetas, registro de planos, projeto educativo, cadernos, provas, dossiês, dentre outros) disponibilizados pela escola constituíram o material de análise documental deste estudo, servindo como fonte de dados para a construção do corpus na medida mediante leitura e releituras pelo pesquisador em colaboração com os sujeitos pesquisados.

Assim, pode se dizer que a etnografia numa dimensão crítica supõe uma ruptura na concepção de pesquisa baseada na captação de informações. Ao transformar os sujeitos pesquisados em sujeitos interlocutores e participantes, uma nova modalidade de relacionamento e de produção do conhecimento pode surgir, a relação dialógica como fundamental para uma pesquisa etnográfica crítico-colaborativa.

Enfim, pode-se dizer que, a etnografia crítica é um processo de construir as experiências de campo, que integra múltiplas perspectivas, vozes e significados com o objetivo de prover reflexões sobre a realidade, de modo que pesquisador e pesquisados numa relação de co-aprendizagem possam, cada qual com propósitos diferentes, alcançar a conscientização de sua condição social e histórica pela produção do conhecimento de forma reflexiva, colaborativa e democrática, numa conexão entre reflexão e ação. Isto porque, a etnografia segundo Thomas (1993) caracteriza-se como uma atitude reflexiva que vislumbra examinar a cultura, o conhecimento e a ação, capaz de expandir nossos horizontes alargando nossa capacidade experimental de ver, ouvir e sentir a realidade social, bem como aprofundar e afiar compromissos éticos por nos forçar a desenvolver e agir comprometidos dentro de um contexto dos valores das agendas políticas.

Na verdade, o que se espera da etnografia crítica é a construção de uma cultura crítica que requer dos sujeitos uma postura de questionar as suposições do senso comum do cotidiano Thomas (1993).

Considerações finais

Ao concluirmos esta comunicação, reforçamos a informação de que estamos, com o projeto de pesquisa em andamento, colaborando para avançar no que concerne à discussão e à produção de conhecimentos em torno da reflexão sobre o abandono escolar pelos jovens e adultos - fenômeno presente e efetivo na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Com efeito, o estudo visa contribuir para uma pedagogia voltada para fortalecimento dessa modalidade de ensino.

Afirmamos ainda que esse estudo etnográfico crítico de caráter colaborativo de reconstrução descritiva das histórias pessoais e escolares dos nossos sujeitos-interlocutores, para compreender as motivações matizadas de valores, saberes e crenças do abandono escolar, de modo específico, na trama das relações pedagógicas em que as produziram constituíssem valiosas situações de reflexão que podem contribuir com o desenvolvimento profissional de professores, pela tomada de consciência crítica da prática pedagógica, precisamente, pelo esforço em apreender os significados do seu saber, saber-fazer e saber ser, no contexto de seu trabalho cotidiano na escola, assim como, evidenciando as contribuições para sua formação, perspectivando a melhoria da qualidade de sua ação docente.

Nesse ensejo, a pesquisa etnográfica, na vertente crítica, vem proporcionando um campo de discussão, no qual se confrontam diferentes vozes, produzidas pela abertura do diálogo que valoriza a individualidade e singularidade de cada sujeito no seu contexto de falas que, mesmo em confronto, dialogam entre si, evidenciando fios que permitem compreender a gênese do abandono escolar pelos sujeitos.

Em fim, o presente estudo encontra-se em processo, e, neste caso, estamos exatamente na etapa de coleta e, simultaneamente, fazendo a análise de dados como requer a etnografia. Portanto, finalizamos reiterando que nossa pretensão resume-se à intenção de divulgar o formato metodológico do estudo e, ao mesmo tempo, submetê-lo à crítica científica e, conseqüentemente, receber sugestões que daí possam advir.

REFERENCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

BORTONI- RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola e agora, e agora?** Sociolingüística & Educação. São Paulo: Parábola, 2005.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**. a ciência, a sociedade e a cultura emergente. SP: Cultrix, 2000.

CONTRERAS, J. **Autonomia de professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

DESGAGNÉ, S. L'ê concept de recherche collaborative. L'ê iddée d' um rapprochement entre chercheurs universitaires et praticieres enseignants. **Revue des Sciences de L'education**, v. 2, n. 23, p. 371-393, 1997.

ERICKSON, F. **Ethnographic Description**. In: *Sociolinguistics*, vol. 2, Berlim end New York: Walter de Gruyter, 1996. p. 1081-1095.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GADAMER, H. G. **Verdade e Método I**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografia: métodos de investigación**. 2.ed. Barcelona, México: Paidós, 1994.

KEMMIS, S. Action research and the politics of reflection. In: BOUD, D. Et al. (Org.). **Reflection. Turning experience into learning**. Londres: Kogan Page. 1985.

LAPLANTINE, F. **A descrição etnográfica**. SP: Terceira Margem, 2004.

MATTOS, C. L. G. de. Etnografia crítica de sala de aula: o professor pesquisador e o pesquisador professor em colaboração. **Revista Brasileira de estudos pedagógicos**. v. 76, n. 182/183, p. 98-116, jan/ago, 1995.

ROHDEN, L. Sobre as condições e as implicações da arte de dialogar. In: RIBAS, Maria A. C. et al. (Org.) **Filosofia e ensino: a filosofia na escola**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TOBIN, K. **Ethical issues associated with research on teaching and learning**. Les Cahiers du CIRADE, vol. 1, sept. Université du Québec à Montreal, 1998. p. 45-75

TOMAS, J. **Doing critical ethnography**. London: Sage Publications, 1993.